

FRAGMENTAÇÃO E DEPOSIÇÕES NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE E PROTO-HISTÓRIA EM PORTUGAL

Lisboa, 14 de Outubro de 2017



LOCAL: Livraria Bulhosa, Entrecampos, Lisboa
Entrada Livre mediante inscrição prévia para
geral@era-arqueologia.pt

Workshop

Acompanhando tendências há muito desenvolvidas na Arqueologia europeia, as últimas décadas têm vindo a evidenciar o interesse da Arqueologia portuguesa pelas temáticas da fragmentação e da multiplicidade de práticas de deposição intencional associadas ao desenvolvimento das sociedades complexas da Pré-História Recente e Proto-História. Todavia, reuniões especificamente pensadas para debater estas práticas e os enquadramentos teóricos no âmbito dos quais são abordadas têm sido raras em contexto nacional.

O objectivo do workshop que agora se organiza visa reunir em debate, em torno de casos de estudo e/ou reflexões teóricas, um conjunto de investigadores que têm revelado interesse ou trabalho nesta temática, procurando potenciar esta linha de inquérito na Arqueologia portuguesa.

Organização:

Núcleo de Investigação Arqueológica da Era Arqueologia

Interdisciplinary Centre for Archaeology and Evolution
of Human Behavior – ICArEHB / Universidade do Algarve.

Patrocínio da Bulhosa, books & living.



ICArEHB



Programa

10.15 – Abertura

10.30 – **António Carlos Valera**, A segmentação e a deposição na Pré-História Recente: entre a fluidez e a permanência ontológica.

11.00 – **Lídia Baptista, Sérgio Gomes**, Fragmentação e Arquitetura. Contributos para a discussão dos enchimentos das estruturas em negativo da Pré-história Recente do Baixo Alentejo.

11.30 – **Rui Mataloto, Catarina Costeira**, Life will tear us apart...: sobre rejeição, deposição e fragmentação cerâmica nos povoados do São Pedro (Redondo)

12.00 – Intervalo

12.15 – **Ana Vale**, Deposições, arranjos e relações na Pré-história Recente.

12.45 – **Tiago do Pereiro, P. Castanheira**, Em busca da intencionalidade: a fracturação de cerâmicas na Robalinha (Idade do Bronze).

13.15 – Intervalo para almoço

14.30 – **Raquel Vilaça, Carlo Bottaini**, Materialidades, invisibilidades, possibilidades. Deposições metálicas do Bronze Final.

15.00 – **A. Catarina Basílio, Nelson Cabaço, António C. Valera**, Fim que perpetua: um “cairn” do final do 3º milénio AC nos Perdigões.

15.30 – **A. Faustino Carvalho, David Gonçalves, F. Alves-Cardoso, Raquel Granja**, Até que a morte nos separe? Evidências de segmentação deliberada nas práticas funerárias do Neolítico Médio no Algar do Bom Santo (Serra de Montejunto)

16.00 – Intervalo

16.15 – **Lucy Evangelista, António C. Valera**, Pensar as deposições de restos humanos em fossos na Pré-História Recente a partir do caso dos Perdigões.

16.45 – **M. João Valente**, Ritualidade e complexificação. Uma reflexão crítica sobre as deposições intencionais e segmentação animal no Neolítico

17.15 – Debate

18.30 – Encerramento

Resumos

António Carlos Valera

A segmentação e a deposição na Pré-História Recente do Sul de Portugal: entre a fluidez e a permanência ontológica.

Se é certo que as questões relacionadas com as deposições têm alguma tradição na Arqueologia Portuguesa no que respeita aos depósitos metálicos, nomeadamente nos correspondentes ao Bronze Final, já a questão mais geral da fragmentação e deposição intencional como práticas sociais recorrentes, comunicacionais e activas na organização e vivência comunitária, teve uma entrada mais tardia (essencialmente no século XXI) e relativamente restrita no âmbito da prática e do pensamento disciplinar nacional. Mais focadas nos problemas relativos à identificação da intencionalidade, aos processos e aos possíveis significados e funções, estas recentes abordagens têm, contudo, prestado pouca atenção às questões de natureza mais estrutural, de foro ontológico, cosmológico, psicológico e cognitivo que enquadram essas práticas.

A presente comunicação pretende, assim, evidenciar a relação entre determinadas práticas de fragmentação e deposição e aspectos daquelas dimensões estruturais, argumentado que tais práticas correspondem a acções através das quais as visões e vivências de um mundo fluido se constituem, expressam e reproduzem recursivamente. Com tal sublinhado procura-se contribuir para a renovação em curso dos questionários arqueológicos e dos consequentes discursos sobre a natureza de contextos, sítios, comunidades e processos históricos da Pré-História Recente do Ocidente Peninsular.

Lídia Baptista, Sérgio A. Gomes

Fragmentação e Arquitetura. Contributos para a discussão dos enchimentos das estruturas em negativo da Pré-história Recente do Baixo Alentejo.

O estudo da fragmentação é uma linha de pesquisa que contribui decisivamente para identificar e problematizar o papel dos diferentes agentes e dos diferentes fenómenos que participaram na formação dos vestígios arqueológicos. Nesta comunicação, pretendemos dar a conhecer o modo como o estudo da fragmentação pode contribuir para orientar a análise da arquitetura em negativo da Pré-história Recente do Baixo Alentejo. Nas diferentes intervenções que realizamos no âmbito da execução de minimização de impactes sobre o Património em projetos da EDIA S.A., foi possível a identificação de inúmeras estruturas que albergavam diferentes categorias de materiais com diferentes graus de integridade. Esta particularidade dos contextos arqueológicos levou-nos a orientar a escavação e o estudo em fase de gabinete para uma análise centrada no modo como a fragmentação nos podia dar indicações acerca do processo de enchimento das estruturas. No sentido de apresentarmos o modo como o estudo da fragmentação tem contribuído para a compreensão dos sítios de estruturas em negativo, centraremos a nossa análise em três tópicos: a fragmentação enquanto modo de caracterização dos diferentes depósitos de enchimento; a fragmentação como meio de compreensão das sequências de enchimento das estruturas; a fragmentação enquanto modo de criar ligações entre estruturas distintas. Na discussão destes três tópicos,

teremos em atenção o modo como a fragmentação se articula com as práticas de deposição associadas a este tipo de estruturas e, a partir desta relação, contribuir para a compreensão desta tradição arquitetónica.

Rui Mataloto, Catarina Costeira

Life will tear us apart¹...: sobre rejeição, deposição e fragmentação cerâmica nos povoados do São Pedro (Redondo)

As pessoas, os sítios, as “coisas” têm múltiplas vivências que importa compreender e conhecer na diacronia e sincronia dos gestos que as moldaram até chegarem a nós. Assim, desde logo, assumimos que importa tentar compreender, de modo relacional, a biografia dos sítios e objectos que pretendemos analisar, olhando para o conjunto que integram, mas igualmente para a sua especificidade de posicionamento, por forma a tentarmos encontrar as vivências das pessoas que as criaram, destruíram ou, simplesmente, ignoraram.

Neste sentido, tentaremos iniciar a nossa abordagem com um ensaio teórico sobre procedimentos a ter em campo, estabelecendo o princípio de registo por “acção”. Em seguida tentaremos uma aproximação à intencionalidade, e à materialização da mesma, sob a forma de rejeição ou deposição, para terminarmos com uma reflexão sobre a fragmentação da cerâmica e a sua representação no conjunto analisado.

¹ Inspirado em Love will tear us apart – Joy Division - 1980

Ana Vale

Deposições, arranjos e relações na Pré-história Recente.

A deposição intencional de elementos, cerâmicos ou líticos, faunísticos ou botânicos, implica múltiplas escalas de análise. A descrição das “coisas” em associação e das suas relações físicas pode articular-se com o desenho de outras correspondências e outras práticas. A deposição intencional carrega em si mais do que uma explicação de carácter simbólico; a prática de colocar determinadas coisas em determinados espaços envolve escolhas de marcação de espaços/tempos, práticas de consolidação de ordens estabelecidas ou de materialização de discursos emergentes. O arranjo de coisas coloca diferentes elementos em correspondência e cria novos conjuntos, novas relações (provavelmente algumas imprevistas), assim como põe em relação elementos que carregam práticas anteriores distintas, podendo o estudo das práticas de deposição dar ritmo e espessura temporal dos contextos/sítios arqueológicos em análise e indicar diferentes relações a distintas escalas.

Esta apresentação procurará delinear uma genealogia do conceito deposição em contexto português e europeu, e tentará questionar as diferentes relações dos arranjos de coisas na Pré-História Recente, considerando as deposições identificadas no sítio de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa), chamando também à atenção para a implicação do reconhecimento de deposições na interpretação dos sítios arqueológicos.

Tiago do Pereiro, Patrícia Castanheira

Em busca da intencionalidade: a fracturação de cerâmicas na Robalinha (Idade do Bronze).

Seguindo uma tendência relativamente recente na arqueologia ibérica, os signatários propõem um conjunto de novas perspectivas na interpretação das modalidades e formas de ocupação do espaço na I Idade do Bronze do Sudoeste, a partir dos dados e interpretações propostos para o Monte da Robalinha, maioritariamente combinando abordagens de pendor tafonómico e abordagens de natureza biográfica para o estudo de conjuntos cerâmicos provenientes de sítios daquela cronologia. O objetivo deste estudo prende-se, portanto, com a afinação das análises diacrónicas e sincrónicas dos espaços, com recurso ao estabelecimento de relações de antiguidade relativa e/ou contemporaneidade dos enchimentos das diversas estruturas negativas que geralmente compõem os sítios da I Idade do Bronze do Sudoeste.

Por outro lado, tentaremos ainda uma revisão crítica às abordagens actuais para a fragmentação enquanto prática recorrente em contextos pré-históricos portugueses. O sítio do Monte da Robalinha pareceu-nos paradigmático no âmbito desta realidade, sendo que se pretende, a partir da desconstrução dos processos de escavação e estudo dos mesmos, propor medidas que auxiliem a expedição da interpretação de intencionalidade em deposições cerâmicas no contexto de intervenções de emergência e minimização de impactos. Do campo para o laboratório, o que propomos é um conjunto de linhas orientadoras para uma metodologia interpretativa e contextual que contribua para a proliferação dos estudos desta prática que hoje sabemos ser mais recorrente em contextos pré-históricos do que originalmente se pensou.

Raquel Vilaça, Carlo Bottaini

Materialidades, invisibilidades, possibilidades. Deposições metálicas do Bronze Final.

É sabido que o fenómeno da deposição do metal, nomeadamente o bronze, enquanto expressão material de acções voluntárias, importa de sobremaneira na caracterização de determinadas comunidades europeias da Idade do Bronze, muito em especial das de finais desse período (c. 1200-800 a.C.). Mas dessa caracterização não resulta necessariamente maior familiaridade em relação a esses nossos antepassados. É também sabido que esse fenómeno poderá ser quase tudo menos hegemónico, não obstante determinadas manifestações que, por repetitivas, levariam (ou levam por vezes) a encará-las como regularidades inerentes a modelos comportamentais normativos. Parece-nos igualmente certo que a complexidade do fenómeno, ou até mesmo o absurdo com que “vemos” determinados casos de manipulação, amortização e ocultação do metal, nos transcende como investigadores que trabalham simultaneamente com dois tempos, com o passado e com o presente.

É por esse enorme potencial, com um campo infinito de possibilidades a explorar, que o fenómeno dos depósitos metálicos nos interessa como expressão cultural. Reduzido a memórias materiais e, conseqüentemente, fragmentadas, distorcidas, diluídas, o fenómeno interessa-nos ainda como desafio. Nesse desafio convocamos três componentes principais que consideramos terem interagido em pé de igualdade: objectos, pessoas, lugares. São eles o mote para esta apresentação, na qual os autores, tomando como referência alguns casos de estudo do Ocidente Peninsular (área de particular expressividade do fenómeno deposicional do metal) disponibilizam novos dados e revisitam situações já conhecidas.

A.F. Carvalho, D. Gonçalves, F. Alves-Cardoso, R. Granja

Até que a morte nos separe? Evidências de segmentação deliberada nas práticas funerárias do Neolítico Médio no Algar do Bom Santo (Serra de Montejunto)

O estudo multidisciplinar dos restos humanos esqueletizados da gruta-necrópole do Algar do Bom Santo, na Serra de Montejunto, indicou uma população muito heterogénea no que respeita à sua dieta (nove em quinze indivíduos mostraram uma componente aquática superior a 20%), mobilidade (onze de catorze indivíduos são não locais, tendo vivido em territórios de geologia mais antiga que a Baixa Estremadura) e genética (em nove indivíduos identificaram-se oito haplogrupos mitocondriais distintos). O modelo interpretativo construído sugere que o território socioeconómico (Carvalho et al. 2016) e a paisagem funerária e cultural (Carvalho s.d.) desta comunidade do Neolítico médio abarcavam o então vasto estuário do Tejo, os seus afluentes (principalmente o Rio Sorraia), e as áreas graníticas da região de Mora / Pavia.

Por outro lado, a análise arqueotanológica das duas salas escavadas até ao momento revelou práticas funerárias distintas: na Sala A apenas foram identificadas deposições secundárias, e na Sala B detetaram-se tanto deposições primárias como secundárias. Não se encontraram evidências sugestivas da eventual utilização das duas salas na chaîne opératoire de uma única prática funerária. As oferendas fúnebres encontram-se quase exclusivamente na Sala A, excetuando os utensílios em pedra polida, que se distribuem homogeneamente por ambas as salas. Aparentemente, este padrão espacial reflete a coexistência de distintas práticas funerárias, em que a Sala A se integra num processo que implicou a exumação, transporte (o “encadeamento”, sensu Chapman 2000?) e redeposição de restos humanos entre sectores da gruta ou, mais expressivamente, entre necrópoles do território acima definido (Gonçalves et al. 2016). Nesta última hipótese podem estar envolvidas outras grutas estremenhas e megálitos da região de Mora / Pavia, numa dinâmica de práticas funerárias mais alargada (na sua expressão geográfica) e complexa (nos seus rituais) do que normalmente equacionado, e nas quais a possibilidade de segmentação deliberada de esqueletos humanos deve ser investigada.

Referências

Carvalho, A.F. s.d. On mounds and mountains. “Megalithic behaviours” in Bom Santo Cave, Montejunto mountain range (Lisbon, Portugal). In MARKOV, V., ed. - 2nd International Symposium: Megalithic monuments and cult practices. Blagoevgrad: Universidade do Sudoeste Neofit Rilski; no prelo.

Carvalho, A.F.; Alves-Cardoso, F.; Gonçalves, D.; Granja, R.; Cardoso, J.L.; Dean, R.M.; Gibaja, J.F.; Masucci, M.A.; Arroyo-Pardo, E.; Fernández, E.; Petchey, F.; Price, T.D.; Mateus, J.E.; Queiroz, P.F.; Callapez, P.M.; Pimenta, C.; Regala, F.T. 2016. The Bom Santo Cave (Lisbon, Portugal): catchment, diet and patterns of mobility of a Middle Neolithic population. *European Journal of Archaeology*. 19:2, p. 187-214.

Chapman, J. 2000. *Fragmentation in Archaeology. People, places and broken objects in the Prehistory of South Eastern Europe*. London: Routledge.

Gonçalves, D.; Granja, R.; Alves-Cardoso, F.; Carvalho, A.F. 2016. All different, all equal. Evidence of a heterogeneous Neolithic population at the Bom Santo Cave necropolis (Portugal). *Homo. Journal of Comparative Human Biology*. 67:3, p. 203-215.

A. Catarina Basílio, Nelson Cabaço, António C. Valera

Fim que perpetua: um “cairn” do final do 3º milénio AC nos Perdigões.

O presente trabalho pretende discutir as hipóteses interpretativas de um contexto ainda singular no 3º milénio a.C., no Sul de Portugal, assim como debater a existência de práticas encadeadas, nas quais as deposições se integram.

Uma estrutura de tipo cairn que aparece, no sítio dos perdigões, a encerrar uma fossa com evidências de uma deposição faseada de um amplo conjunto faunístico, ao qual se associam, ainda que com pouca expressividade, fragmentos de cerâmica decorada (campaniforme e simbólica) e objectos tipicamente associados ao sagrado (ídolo de Calcário).

Os depósitos identificados, aliados às características da estrutura, afastam o contexto de uma simples acção de descarte ou lixeira, dando lugar a outras possibilidades interpretativas. Se por um lado, se verifica a existência de uma deposição, que representa a componente material que nos chega de uma coreografia e sequência de práticas sociais, por outro, o processo de encerramento, associado a uma ligeira monumentalização, aponta para uma dupla expressão: o encerrar de uma sequência de práticas, permitindo uma perpetuação física evocativa, naquilo que seria a área central dos Perdigões, já nas últimas fases de utilização.

Lucy Evangelista, António C. Valera

Pensar as deposições de restos humanos em fossos na Pré-História Recente a partir do caso dos Perdigões.

O desenvolvimento da investigação dos recintos de fossos peninsulares da Pré-História Recente tem vindo a evidenciar a importância que as práticas funerárias e a manipulação de restos humanos assumiu nestes contextos. Entre uma significativa diversidade de situações encontram-se as práticas de deposição de restos humanos articulados ou desarticulados no interior de fossos. Permitindo conjugar a dimensão fragmentação (de corpos) e diferentes formas de deposição de restos humanos, estas evidências permitem explorar o potencial heurístico das teorias que interrogam a intencionalidade presente nestas práticas, num contexto de maior fluidez e permeabilidade ontológica.

Assim, a presente comunicação abordará os dados actualmente disponíveis para o complexo de recintos dos Perdigões, contextualizando-os na realidade Ibérica, procurando discutir as possibilidades interpretativas que se colocam face à ocorrência de restos humanos nos enchimentos de fossos, enquadradas num contexto mais abrangente de práticas intencionais de fragmentação e deposição estruturada que se registam no sítio.

Maria João Valente

Ritualidade e complexificação. Uma reflexão crítica sobre as deposições intencionais e segmentação animal no Neolítico.

As práticas rituais que envolvem animais são frequentes em várias culturas humanas e apresentam características próprias conforme os grupos culturais que as praticam, sendo, por conseguinte, excelentes identificadores desses grupos e de eventuais mudanças ou processos culturais.

Tendo como ponto de partida alguns exemplos de deposições intencionais de animais (em especial quando segmentadas), do Neolítico europeu e do território português em particular, esta apresentação discute os conceitos de ritualidade e complexificação (e suas variantes) nas sociedades humanas desse período. De certo modo, observando também como tais gestos rituais indiciam comportamentos específicos dentro do grupo humano e das relações ontológicas e identitárias que o grupo tem com os diferentes animais depositados.

Lista de Comunicantes:

Ana Catarina Basílio, ICArEHB – Universidade do Algarve.

Ana Vale, FCT/CITCEM.

António Carlos Valera, Era Arqueologia SA. / ICArEHB – Universidade do Algarve.

António Faustino Carvalho, Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Campus de Gambelas, 8000-117 Faro, Portugal.

Carlo Bottaini, Laboratório HERCULES. Universidade de Évora.

Catarina Costeira, UNIARQ-Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa.

David Gonçalves, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, Calçada Martim de Freitas, 3000-456 Coimbra, Portugal; Centro de Ecologia Funcional, Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, Calçada Martim de Freitas, 3000-456 Coimbra, Portugal; Laboratório de Arqueociências, Direção Geral do Património Cultural e LARC/CIBIO/InBIO, Rua da Bica do Marquês 2, 1300-087, Lisboa, Portugal.

Francisca Alves-Cardoso, Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Universidade Nova de Lisboa, Av. de Berna, 26-C, 1069-061 Lisbon, Portugal.

Lídia Baptista, CEAACP-Universidade de Coimbra / Arqueologia e Património Lda.

Lucy Shaw Evangelista, Era Arqueologia S.A. / CIAS – Universidade de Coimbra / ICArEHB – Universidade do Algarve.

Maria João Valente, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve; CEAACP — Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

Nelson Cabaço, Omniknos Lda, NIA-Era Arqueologia.

Patrícia Castanheira, Colaboradora do NIA-Era Arqueologia.

Raquel Granja, Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Campus de Gambelas, 8000-117 Faro, Portugal.

Raquel Vilaça, Instituto de Arqueologia. CEAACP. Universidade de Coimbra.

Rui Mataloto, Município do Redondo.

Sérgio Gomes, CEAACP – Universidade de Coimbra.

Tiago do Pereiro, Era Arqueologia SA.